



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Dos afetos e seus impasses na Psicanálise

Tiago Ravello

Como citar: RAVANELLO, T. Dos afetos e seus impasses na Psicanálise. *In:* ALVES, M. A. (org.). **Cognição, emoções e ação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 261-278.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p261-278>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

DOS AFETOS E SEUS IMPASSES NA PSICANÁLISE

Tiago Ravanello

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
tiagoravanello@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

No presente texto, iremos nos dedicar a um breve exame que visa limitar-se a interceptar mais diretamente a relação entre afeto e linguagem nas bases do campo freudiano. Para tanto, buscaremos delinear características inerentes à consideração destes e sua mútua implicação. Com isso, buscamos elencar pontos de apoio para a questão da discursivização do afeto em Freud como recurso último frente aos projetos de redução neurocientífica de fenômenos próprios ao campo da linguagem, dentro de um certo padrão positivista de ciência, e que coloca em questão a pertinência de uma clínica psi baseada na fala. No entanto, nosso objetivo principal neste capítulo não é a delimitação de uma abordagem freudiana do afeto propriamente dita. Pretendemos, antes, destacar bases que apontem a pertinência da retomada do conceito de afeto no interior de uma discussão rigorosa sobre a linguagem.

1 ALGUNS PRESSUPOSTOS CONTEXTUAIS PARA A ABORDAGEM DO AFETO EM PSICANÁLISE

Antes de tratarmos diretamente do problema proposto, qual seja, a abordagem dos aspectos econômicos em psicanálise, nesta seção, faremos um pequeno resumo de nossa leitura a respeito de um panorama geral de diferentes trajetórias de pesquisa referentes ao tema, e, assim, posicionar determinadas questões necessárias em sua análise. Em primeiro lugar, faz-se necessário apontar que os modos pelos quais uma leitura do conceito de afeto – bem como de outros conceitos do ponto de vista econômico da teoria freudiana – que privilegiem seus aspectos quantitativos tem levado uma série de autores a traçar linhas de união seja em relação ao passado, entre Freud e correntes naturalistas e organicistas de pesquisa, seja visando <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p261-278>

o futuro, entre a teoria psicanalítica e projetos biologizantes e neurocientíficos. Na primeira linha, a teoria freudiana nada mais seria do que o desenvolvimento e aplicação de hipóteses originadas no interior de concepções que priorizavam o orgânico na determinação de fenômenos causais (como no caso do naturalismo e do fisicalismo). Já conforme a segunda linha, os pressupostos da psicanálise erigida por Freud estariam de tal modo vinculados a estruturas e processos neuronais que as chaves para sua compreensão e aplicabilidade encontrar-se-iam invariavelmente nas mãos das chamadas “novas ciências da mente” (cognitivas e neurocientíficas). Estes, segundo a crítica de Birman (2007), tendem a forçar uma abordagem do funcionamento psíquico enquanto redutível ao funcionamento cerebral e os modelos de linguagem bioquímica suposto a ele.

Em ambos os casos, o objetivo acaba sendo o mesmo: decretar a submissão da psicanálise ao registro de determinações de cunho natural e biológico. A diferença está em que, seguindo a primeira linha argumentativa, tal procedimento é almejado em termos de um *reducionismo epistemológico*, através da defesa da continuidade dos planos conceituais, como apontamos na leitura de autores como Grünbaum (1993, 1998), Sulloway (1998), Barros (1998a, 1998b), Caropresso e Simanke (2006, 2008), Gabbi Júnior (2003), Gomes (2005), Rossi (2005), dentre outros. O reducionismo epistemológico seria, portanto, uma operação de redução do psíquico a fenômenos ou estruturas somáticas que não apenas seriam suas causas últimas, como também, serviriam de referente material, tornando o psíquico uma espécie de epifenômeno que somente poderia ser explicado pela redução ao seu suposto regime de causalidade orgânica. Já em relação à segunda linha argumentativa, trata-se mais de uma tentativa de *reducionismo metodológico* pela defesa do que deveria vir a ser o desenrolar das concepções teóricas futuras bem como da continuidade dos níveis de aporte entre o somático e o psíquico. Esta postura, conforme tem sido possível apontar em trabalhos progressos é defendida por Changeux (1998), Churchland (1991), Damásio (2000), Dennett (1997), Andrade (2003), para citar somente alguns exemplos. O reducionismo metodológico não negaria, necessariamente, a pertinência de fenômenos psíquicos e a interação de causas no regime do psiquismo, porém, sustenta que a teoria da prova sobre tais fenômenos bem como as intervenções decorrentes devam ser reduzidas a um método em que o psíquico estaria subordinado à observação e manipulação de regimes materiais de existência.

Da mesma forma, delineamos em trabalhos pregressos (BEIVIDAS; RAVANELLO, 2009, 2010) outra abordagem possível ao conceito de afeto através de tentativas, declaradas ou implícitas, de transferir o problema da materialidade e do regime de existência dos aspectos econômicos a uma espécie de metaforização de seus fundamentos. Dito de outra forma, a declaração e defesa de um caráter metafórico como alicerce do ponto de vista econômico e dos conceitos a ele ligados, nos quais se estabeleceria uma sintaxe teórica, porém, desprovida de uma semântica causal ou de referentes sejam eles de quaisquer ordem, permitiria assentar tais leituras como alternativa a determinações de substratos materiais. Porém, este tipo de atitude subtrai o hipotético fundamento objetivo sem propor novas conjecturas em troca. É nesse sentido que Widlöcher (1986) critica determinadas formas de conceituar a pulsão, nas quais ela é, diz Widlöcher (1986, p. 49) “[...] sempre outra coisa, menos aquilo que é denunciado pela crítica.”. A abordagem metafórica, aqui entendida como um argumento de força pragmática do campo psicanalítico ao instaurar a metapsicologia freudiana como um conjunto de argumentos teóricos que não precisam prestar contas a respeito de seus referentes desde que o contexto teórico apresente coerência interna, consiste na crítica ao aspecto quantitativo sem discuti-lo, apenas tornando-o uma miragem inalcançável, em torno da qual a teoria continuaria a girar.

Faz-se necessário também levar em consideração o exame de hipóteses pertinentes para uma abordagem propriamente discursiva do afeto e o estudo dos impasses epistemológicos que poderiam colocar em risco o diálogo, acerca do tema, entre psicanálise e teorias da linguagem. Dentre eles, é possível destacar ao menos três, todos de extrema importância. O primeiro não poderia ser outro senão a perspectiva aberta pela abordagem quantitativa do afeto, de redução dos fenômenos afetivos – e demais vinculados à linguagem – a fatores determinados pelo substrato energético. Na medida em que leituras da teoria psicanalítica propõem definições do afeto enquanto quantidades de cunho energético ou processos a ela ligados e, portanto, próximas a modelos organicistas e naturalistas, a posição quanto à linguagem torna-se paradoxal. Isso porque dificilmente seria possível conjugar uma concepção de afeto apoiada em influxos energéticos com teorias que preconizam a imanência da linguagem, tais como a glossemática de Hjelmslev e as semióticas tensivas e modais, que buscam delimitar os fatos da linguagem através das oposições delimitadas no interior de um

universo discursivo, justamente as que estamos buscando a aproximação em nosso programa contínuo de pesquisa. Segundo a leitura de Hjelmslev (1966, 2003) sobre as bases saussureanas da linguística moderna, devemos abordar os fenômenos de linguagem enquanto causa imanente, ou seja, a articulação de suas oposições internas criam formas pelas quais o campo da linguagem torna-se o campo da ação humana.

Para fins de panorama da temática, como segundo impasse, temos que apontar, igualmente, a posição, por vezes demissionária, da parte do campo lacaniano em relação à linguagem, de maneira geral, e aos conceitos de signo, sentido e significação, de maneira específica, como mais uma dificuldade para uma concepção discursiva do afeto em psicanálise. Tomado como unidade fechada, limitada e, portanto, limitante, o signo saussuriano é recorrentemente expresso por psicanalistas como um empecilho na formulação de abordagens discursivas e, pior, como referência ingênua, ultrapassada. Que Lacan, numa passagem dedicada a Jakobson no seminário de 1972-1973, tenha marcado distância entre a “linguística” e sua “linguística” (LACAN, 1985, p. 24) a fim de deixar a ele reservado seu domínio, e ainda que tenha declarado neste mesmo momento que sua tese do “inconsciente estruturado como uma linguagem” não pertence ao “campo da linguística”, nos termos de Lacan (1985, p. 25), tais proposições não devem, a nosso ver, serem consideradas como impossibilidade de diálogo entre a psicanálise e as diversas teorias da linguagem, de forma geral, e a linguística e semiótica, de forma específica. Ao contrário, julgamos que o diálogo com as teorias da linguagem foi prematuramente interrompido sem que pudesse ser extraído dele todos os frutos que o encaminhamento inicial de Lacan notadamente indicava.

Por fim, o panorama da questão deve ser acrescido de um terceiro ponto a respeito de impasses na concepção psicanalítica de real. Trata-se, no caso, de especificar como a progressiva sensibilização do espírito freudiano para com a linguagem permitiu uma abertura epistemológica que aproximou a psicanálise de matrizes discursivas que tendem a fundamentarem-se em concepções imanentes de linguagem. A concepção de afeto, por sua vez, estaria justamente na encruzilhada entre duas diferentes possibilidades de abordagem do real: de um lado, a tendência realista inerente ao aspecto quantitativo e os projetos naturalistas e organicistas que embasam os reducionismos epistemológicos e metodológicos anteriormente citados;

de outro, a perspectiva de integrar conjecturas imanentistas com base num entendimento amplo dos processos de linguagem.

Por ora, nosso objetivo será o de delimitar as bases para uma abordagem discursiva sobre o afeto no interior da psicanálise, ou seja, uma delimitação dos fenômenos econômicos e quantitativos sem que eles sejam considerados externos aos discursos. Uma abordagem do afeto enquanto imanente ao campo da linguagem seria uma forma de reinserir a psicanálise no diálogo com as teorias da linguagem que não objetivam a distinção entre intensidade e discurso, mas sim, o estudo mais acurado de como o discurso pode criar intensidades e, a partir disso, contribuir para aquilo que Lacan delimitava inicialmente, a respeito da psicanálise, como uma ciência da linguagem habitada pelo sujeito (LACAN, 1998a, 1998b). Assim, passaremos ao exame dos elementos que irão compor o diálogo com as teorias da linguagem.

2 BASES FREUDIANAS PARA UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DO AFETO

A abertura proporcionada por Freud à consideração da linguagem no campo psicanalítico vai além da introdução da fala como simples meio terapêutico. A *talking cure* – cura pela fala –, como fora batizado o novo método por uma de suas pacientes¹, aponta para o caráter fundamental da linguagem tanto na eliminação dos sintomas como em sua própria formação. Se acompanharmos passo a passo a constituição do método psicanalítico, veremos que sua importância está arraigada na própria composição do aparelho psíquico. Como bem aponta Garcia-Roza (1991), desde *A interpretação das afasias*, Freud (2003) começa a conquista de um território de linguagem. Segundo Garcia-Roza (1991, p. 68): “A verdade é que o aparelho de linguagem produzido por Freud transbordou os limites estritos de um aparelho de linguagem e constitui-se como o primeiro modelo freudiano de *aparelho psíquico*.”. Mesmo apontando na sequência que, naquele momento, não havia nada conclusivo para retirar de tal aparelho a sua caracterização como modelo neurológico, Garcia-Roza assinala o gradual “transbordamento” da linguagem, a ampliação de suas fronteiras, o extra-

¹ Trata-se da mais notória paciente, obviamente, *Anna O.*, cujo relato do tratamento pode ser visto nos casos clínicos dos *Estudos sobre Histeria*. A designação do método como *talking cure* pode ser encontrada a partir de Freud (1996b, p. 65).

vasamento do qual a teoria psicanalítica é fruto. Os méritos das hipóteses centrais ao aparelho de linguagem das *Afásias* são tais que, trinta anos após sua aparição, vemos o resgate da distinção então definida entre *representação palavra* e *representação coisa* figurar novamente, em papel de destaque, no artigo metapsicológico sobre *O inconsciente* de Freud (1996d).

Mesmo que se objete que a obra sobre as afásias trate de modelos neurocientíficos – mais especificamente da crítica ao localizacionismo de Meynert e Wernicke em prol de um funcionalismo à maneira de Hughlings Jackson – e que seja possível abordar o texto enquanto introdução às neurociências, seria de fato despropositado submeter a teoria psicanalítica como um todo sob a influência de tal leitura. Até porque, mesmo que se considere que Freud tenha iniciado seu percurso no interior da discussão neurocientífica, ela acaba sendo, por fim, orientada para um longo e profícuo exame da linguagem que perdurará na teoria psicanalítica, e não o contrário². É a linguagem, pois, que vai gradativamente assumir a cena psicanalítica, em detrimento tanto da neuroanatomia quanto do funcionalismo neurocientífico. É deste modo que Birman (1993, p. 35) apresenta a questão:

Pelo contrário, Freud rompeu com a psicologia, a psicopatologia e a neurologia do final do século XIX, justamente ao construir uma concepção do psiquismo fundada na linguagem. O ‘estudo crítico’ sobre as afásias pode ser considerado legitimamente como o texto inaugural do saber psicanalítico, pois nele Freud concebe o psiquismo pelo modelo da linguagem, como um *aparelho de linguagem*. Aparelho de linguagem é o momento originário na construção do conceito freudiano de *aparelho psíquico*, na genealogia do discurso psicanalítico. (Itálicos no original).

As leituras propostas por Garcia-Roza e Birman têm como ponto em comum ressaltar o texto sobre *A interpretação das afásias*³ enquanto origem da noção, diretiva quanto os rumos tomados pela história do movimento psicanalítico, de um aparelho psíquico fundamentado na linguagem. Tal atitude é francamente oposta às abordagens quantitativa e meta-

² Tal como supõem, mais especificamente, Rossi (2005) e Gomes (2005).

³ A exemplo do modo em que nos referimos ao *Projeto de uma psicologia científica* de Freud (1996a), passaremos a designar o texto sobre a *A interpretação das afásias* somente pelo termo *Afásias* em itálico para agilizar a leitura.

fórica que indicamos na primeira seção deste capítulo, na mesma medida em que constitui a base do que pode vir a ser uma abordagem discursiva do afeto. Ressaltar a centralidade da linguagem nos primórdios da obra freudiana, tanto na formação de sua escuta, quanto na formulação de suas hipóteses teóricas, é, simultaneamente, delinear e priorizar as bases necessárias para o diálogo com teorias imanentes da linguagem, caso da glossemática de Hjelmslev e da semiótica tensiva. Em ambas, não há uma oposição entre afeto e linguagem, mas sim, a tentativa de especificar seus efeitos subjetivos a partir dos jogos de oposição conflitual no interior de esquemas discursivos. Diretamente ligadas à teoria saussureana do valor linguístico e de suas delimitação da vida social do signo, estas abordagens imanentistas tem por objetivo não a instituição de uma matéria extralinguística que serviria de substrato único para os diferentes fenômenos afetivos (como uma espécie de quantidade a qual os afetos seriam reduzidos). Ao contrário disso, visam estabelecer como a contraposição dos sentidos permite a distinção de diferentes esquemas linguísticos nos quais os afetos servem de acento fórico ou disfórico a indicar a constituição de uma subjetividade em determinado discurso.

Entretanto, devemos destacar que a postura adotada pelos autores que veem no aparelho de linguagem das *Afásias* o modelo inicial do qual se originam, por desenvolvimentos ou diferenciações, as representações subsequentes de aparelho psíquico na obra freudiana não consistem em negar as relações existentes entre o modelo das afásias e noções neurocientíficas da época. Tal ressalva tem sua importância em função da série de trabalhos publicados que visam fazer destes pontos de proximidade os motivos para uma ligação de origem inexorável. Trata-se, enfim, de uma abertura à primordialidade da linguagem, ainda não alcançada pela teoria e técnica psicanalíticas, porém, já plenamente acenada por Freud em sua época. Se voltarmos ao texto freudiano, veremos que, de fato, Freud (2003, p. 37, grifo do autor) postula a hipótese segundo a qual: “[...] a região cortical da linguagem seja um articulado tecido cortical dentro do qual as associações e as transmissões em que se apoiam as funções de linguagem procederiam com uma complexidade não propriamente compreensível.”

Interessante notar que não há aqui uma redução completa, a localização precisa dos processos de linguagem. Em vez disso, encontramos a suposição de uma *região* cerebral na qual os processos de linguagem se

exercem, em oposição ao modelo corrente que visa encerrar sua atividade na distinção de “centros distintos” e na acumulação das representações nestes (FREUD, 2003).

Ao mesmo tempo, vemos Freud alinhar-se aos pressupostos essenciais à linguística de Saussure ao situar a palavra como um objeto *sincrético*, constituído, conforme Freud (2003, p. 42) de “[...] elementos acústicos, visuais e cinestésicos⁴”, muito embora hoje possa haver restrições quanto à hipótese de ver na palavra a unidade básica de função da linguagem. Entretanto, tal questão, espécie de acerto no foco, parece-nos irrelevante frente à originalidade da suposição – anterior à boa parte dos desenvolvimentos da linguística moderna – e, sobretudo, às consequências epistemológicas de seu dito. Isto porque, como a história da psicanálise parece nos indicar, o exame das funções da palavra não apenas persistiu no rol de noções cruciais à teoria como também sua delimitação como unidade no estudo psicológico demarca com primor o início da suposição dos fenômenos inconscientes através dos processos de linguagem, que culminará na oposição entre “representação-palavra” *versus* “representação-objeto”, de acordo com os termos de Freud (2003, p. 46).

Assim, se há autores que forcem a leitura de um modelo neurocientífico incipiente presente no texto sobre as afasias, de nossa parte, fazemos a aposta de que há nele igualmente subsídios para a consideração de um “modelo semiótico”⁵, tão precoce quanto fascinante. Há que se levar em conta que a atenção de Freud nas afasias recai numa temática diretamente implicada na ordem de eventos própria à linguagem: a facilidade de desligamento entre a representação-palavra e a representação-objeto, o que, para Freud (2003, p. 51), destaca o caráter “[...] puramente funcional de todo o aparelho da linguagem.”. A questão crucial aqui exposta é justamente a de que a visão freudiana sobre as afasias acaba por levá-lo à pressuposição da independência do aparelho de linguagem em relação à realidade exterior, posto que ao aparelho torna-se possível tanto a ligação quanto o desligamento. A nosso ver, aqui está o gérmen do surgimento das teses principais tanto do texto *Além do princípio do prazer* de Freud – a *ligação* anterior ao nivelamento

⁴ “Cinestésico”, embora pouco usual na língua portuguesa, indica sua relação com o movimento, e não “sinestésico”, termo mais comum que, entretanto, trata do âmbito da sensibilidade.

⁵ Entendemos que a semiótica tem como pressuposto metodológico a criação de modelos destinados a dar conta da geração e constituição do sentido em sua implicação com o corpo.

das tensões – como também dos conceitos de *condensação* e *deslocamento* – posteriormente redefinidos por Lacan (1998a) como *metáfora* e *metonímia*, respectivamente. Este delineamento acaba se tornando mais importante que a relação de “dependente concomitante” entre o psíquico e o seu processo paralelo, o fisiológico, conforme Freud (2003, p. 30-31). Isso porque, nele, à linguagem é dada a faculdade de inverter, reverter e mesmo desfazer o que o substrato cerebral e perceptivo tratou de unir. Como não ver neste procedimento, mais do que uma vinculação a tradições neurocientíficas, o nascimento *in loco* do inconsciente freudiano?

3 AFETO, CORPO E LINGUAGEM

Se retomarmos os principais textos do início da teoria e tratamento psicanalítico propriamente dito, veremos que tal alteração de foco é essencial no que diz respeito à originalidade do pensamento freudiano. É neste sentido que Lionço (2008), ao buscar fazer um recenseamento das teses psicanalíticas a respeito da relação entre corpo e psiquismo, indica um montante de leituras que ressalta justamente a subversão do corpo pelo psiquismo, certamente, através da linguagem. Conforme podemos acompanhar nas palavras de Lionço (2008, p. 118):

Apesar de diferir em sua perspectiva em relação aos neurologistas da época, não se pode afirmar que Freud abandona a questão do corpo em favor do psíquico. O que Freud pôde perceber é que na histeria o corpo orgânico em sua funcionalidade é subvertido. Não se trata de um abandono da consideração do corpo, mas da postulação de um novo estatuto para o corpo, que deixa de restringi-lo à sua condição somática.

Do corpo “objeto biológico” ao corpo “atravessado pela linguagem”, de tal modo poderíamos resumir o percurso acima citado. Não por acaso, as principais vias de constituição das teses sobre o inconsciente se deram, primeiramente, com a escuta das pacientes histéricas e a atenção ao desacreditado fenômeno do sonho⁶, nas quais a linguagem faz sentir de

⁶ Interessante notar como Grignon (2007) destaca uma nova indiferença, agora por parte dos psicanalistas, quanto ao tema dos sonhos que, por sua vez, tem sido retomado prioritariamente pelas neurociências. Tal movimento é tido por Grignon (2007) como razão para a retomada da abordagem lacaniana em seu retorno a Freud.

forma pungente a sua intensidade. Logo, a direção do movimento de pensamento freudiano que nos é legado trata de (re)orientar a questão cartesiana da dualidade entre mente e corpo para abordar, através dos processos discursivos, a tomada do corpo pela linguagem.

Os *Estudos sobre a histeria* de Freud (1996b) são paradigmáticos no sentido de apontar, tendo o conceito de afeto como guia, a transição de uma visão estritamente médica de tal patologia para a pertinência do discurso. Segundo Freud (1996b, p. 309, grifo do autor): “[...] de fato, contudo, há uma sequência ininterrupta que se estende desde os *resíduos mnêmicos* não modificados das experiências e atos de pensamento afetivos até os sintomas histéricos, que são *símbolos mnêmicos* dessas experiências e pensamentos.”

Importante notar que a disposição dos afetos entre os *resíduos* e os *símbolos mnêmicos* marca precisamente o caráter de transformação discursiva inerente à composição dos elementos intrínsecos ao psiquismo. Se a obra freudiana oferece subsídios para uma discussão de seus pressupostos por vias bio-quantitativas, por outro lado, a aproximação para com os temas clínicos rapidamente reinsere o tema do afeto no âmbito das operações e transformações na ordem do discurso, seja na constituição dos fatos psíquicos, seja na formação dos sintomas. As “experiências e atos de pensamento afetivos”, indubitavelmente, deslocam o enfoque do registro concernente às supostas reduções energéticas e sua determinação quantitativa dos fenômenos em questão para colocá-lo no seio das hipóteses acerca do trabalho psíquico de elaboração do material que lhe acomete. Trata-se, pois, da tarefa de composição, exercida pelo aparelho, de fazer com que as apresentações residuais – ou seja, formas rústicas de apreensão perceptiva – tornem-se figuras mais complexas de representação. Esta maneira de alinhar o processo de formação do sintoma com uma abordagem discursiva do afeto é a tal ponto recorrente na teoria freudiana que podemos encontrá-la em diversos textos. Vejamos uma passagem de *Inibições, sintomas e ansiedade*, de Freud (1996e, p. 97), em que o afeto é delimitado nestes mesmos termos:

A angústia não é criada novamente na repressão; é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente. Se formos adiante e indagarmos da origem dessa angústia – e dos afetos em geral – estaremos deixando o domínio da psicologia

pura e penetrando na fronteira da fisiologia. Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primevas, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos.

Importante notar que a ressalva freudiana quanto à participação, ao lado do domínio psicológico, da ordem de fenômenos biofisiológica na formação dos afetos em geral – sendo a angústia colocada sob o mesmo mote – rapidamente dá lugar a uma definição processual do afeto, ressaltando novamente a transição dos *resíduos mnêmicos* – então citados como precipitados traumatizantes – a sua configuração enquanto *símbolo*. Por mais que este termo possa ter consequências epistemológicas complexas, e, em função disso, tenha dado origem a uma série de mal-entendidos e extrapolações teóricas das quais Lacan foi o maior crítico, a discussão então retomada por Freud é, uma vez mais, a do afeto como processo de inserção psíquica da intensidade dos fenômenos.

O aspecto de “trauma”, unicamente compreensível dentro de uma dinâmica de espessura temporal e de maturação discursiva inerente à concepção do “só-depois” – o *Nachträglich* freudiano – aponta nesta citação a incidência sobre o aparelho psíquico não de uma quantidade qualquer, de uma espécie de força indeterminada, mas, sim, de um abalo que depende do sentido e de sua inclusão na história pessoal, em seu universo discursivo, para somente então constituir-se. Simultaneamente a este traço constitutivo, a retomada da experiência afetiva torna-se, portanto, menos suscetível a ser implicada nos processos de “descarga” do que propriamente no regime da sensibilidade aos símbolos, à memória, ao sentido e, sobretudo, ao arranjo histórico que a eles foi possível no registro inconsciente.

O resultado de tal abordagem do afeto é o que, nas palavras de Schneider (1998) deve ser compreendido como a não-oposição entre afeto e expressão verbal na transmutação do orgânico para a ordem propriamente afetiva. Isso porque, de acordo com Schneider (1993, p. 80), “[...] a expressão afetiva participaria, por si mesma, no que constitui a essência da linguagem.”. Segundo o enfoque que procuramos defender ao longo deste texto, a transmutação acima citada poderia ser mais bem compreendida no diálogo entre a teoria lacaniana e a semiótica tensiva, como temos apontado em trabalhos progressos (BEVIDAS; RAVANELLO,

2009, 2010). Quanto ao segundo ponto em destaque, o da participação do afeto na constituição da linguagem, pretendemos tomar a questão por outro enfoque. Para evitar suposições de prevalência (o afeto formando a linguagem, ou a linguagem dando vida ao afeto), apostamos na abordagem discursiva enquanto interdefinição imanente, ou seja, situar o ponto de vista econômico através do enfoque tensivo sobre o valor na mesma medida em que os processos de significação encontram aí sua precondição. Dito em outras palavras, o afeto pode ser compreendido enquanto participante fundamental da ordem de linguagem não como um elemento a ela exterior e oposto, mas sim, numa discussão rigorosa e imanente sobre a forma essencial da linguagem através da rediscussão de seu aspecto de intensidade e valor. Desta forma, procuramos evitar a atitude definida criticamente por Hoffmann (2007) como cientificista, calcada nas palavras de Hoffmann (2007, p. 44), no “[...] desconhecimento do lugar e da função da linguagem na relação do homem com o real.”

Da mesma forma em que podemos acompanhar o destaque de elementos para uma abordagem discursiva do afeto na teoria freudiana a partir das hipóteses de atravessamento do corpo pelo discurso, sobretudo no que diz respeito aos pressupostos clínicos, as teses freudianas sobre o *sonho* igualmente oferecem subsídios para tal intuito. Não por acaso, os conceitos regentes de *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1996c), tais como os de *condensação*, *deslocamento*, *censura*, *trabalho do sonho* e, o objetivo principal da atividade onírica, a *realização de desejo* são intrinsecamente dependentes de uma abordagem discursiva. Certamente, elementos e hipóteses das vias de análise quantitativa e metafórica também estão presentes ao longo deste texto freudiano. No entanto, sua importância pode ser considerada secundária em relação aos procedimentos discursivos concernentes à formação do sonho. Nele, o afeto desempenha a função de ponto de certeza quanto à ligação com o conteúdo latente. Vejamos a seguinte passagem de Freud (1996c, p. 661):

O sonho foi desprovido de afetos, desconexo e ininteligível, mas, enquanto ia produzindo os pensamentos que estavam por trás do sonho, dei-me conta de impulsos afetivos intensos e bem fundados; os próprios pensamentos enquadraram-se imediatamente em cadeias lógicas em que certas representações centrais apareciam mais de uma vez.

Seguindo o raciocínio acima, os impulsos afetivos atuam igualmente na *regência dos encadeamentos lógicos*, na ordenação dos pensamentos. As *facilitações*, conceito relativo ao *Projeto de uma psicologia científica* de Freud (1996a), pode ser aqui revisto no caráter de agrupamento que o afeto coordena sobre os conteúdos. Não apenas pela associação de características semelhantes, mas pelo traçado radical de linhas isotópicas que agregam seus elementos constituintes e fixam seus valores, posicionando-os uns em relação aos outros, em função do recorte intensivo que permitem no encadeamento do prazer e desprazer. Tido assim como um fio condutor na análise dos aspectos ligados à intensidade do discurso, o afeto exerce nas teses freudianas sobre os sonhos o encargo de garantia epistemológica. Sabemos estar progredindo na via correta, desde o evento freudiano que nos concedeu as bases da escuta analítica, na justa medida em que os afetos começam a aflorar. Da mesma forma, só podemos averiguar se uma interpretação toca no coração da verdade através dos seus fenômenos afetivos decorrentes.

Trata-se, então, da descarga de uma energia? Da expressão de uma descarga? Ou, visto pelo ângulo oposto, da resultante do complexo de sentidos e intensidades, de significações, significados e tensões que fazem dos fenômenos afetivos testemunhas do caráter absolutamente pregnante da linguagem nos fatos psíquicos? Na medida em que engaja o sujeito numa isotopia, num encadeamento discursivo em tudo o que ele implica de intensidade e sentido, o afeto nos provê uma nova visada do procedimento terapêutico que nos foi legado por Freud e possível somente a partir da adoção da função da fala enquanto via privilegiada de acesso ao inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmamos, portanto, nossa aposta na possibilidade de uma abordagem discursiva para o conceito de afeto não como a defesa de mais uma ordem de fatos a ser somada à da representação⁷, mas sim, como

⁷ Nos artigos sobre metapsicologia, especialmente em *O Inconsciente*, Freud (1996d) estabelece os conceitos de representação e de afeto como os dois delegados psíquicos da pulsão. O texto faz menção, de forma crítica, às tentativas citadas ao longo do texto de tomar o conceito de afeto como a introdução de um referente biológico contraposto à linguagem, esta entendida como representação do mundo externo. Ora, mesmo na obra freudiana esta suposta oposição entre matéria e linguagem não se sustenta na medida em que o conceito de representação divide-se em representação-coisa e representação-palavra, abrindo margem para uma perspectiva da linguagem enquanto estruturante dos fenômenos psíquicos, ao invés da simples apreensão de fatos externos.

fundamento inerente à constituição dos processos psíquicos conscientes e inconscientes. É deste modo que Freud insere o conceito de afeto no debate maior que se estende desde o *Projeto* a respeito das qualidades no acontecer psíquico. Vejamos o seguinte excerto de *A Interpretação dos sonhos* sobre o tema:

Os processos de pensamento, em si próprios, carecem de qualidade, exceto pelas excitações prazerosas e desprazerosas que os acompanham e que, em vista de seu possível efeito perturbador sobre o pensamento, têm de ser mantidas dentro de limites. Para que os processos de pensamento possam adquirir qualidades, eles se associam, nos seres humanos, com lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair para si a atenção da consciência e para adotar o processo de pensar de um novo investimento móvel oriundo da consciência. (FREUD, 1996c, p. 641-642).

Como bem aponta David-Ménard (2000), mais do que as metáfora ou pressuposições energéticas, o ensino freudiano a respeito do inconsciente e seus processos tem como base a importância delegada ao prazer. O que a passagem acima exposta nos coloca de mais importante é, precisamente, que tanto o substrato para os investimentos móveis – ou seja, sua quantidade inserida no quadro do prazer – quanto os fatos elementares do pensamento humano – sua qualidade – devem manter relação intrínseca com os componentes rudimentares da linguagem. Neste sentido, buscar a delimitação de uma abordagem discursiva para o afeto torna-se plenamente admissível, para não dizer desejável.

Para concluir, lembramos o exame feito por Dör (1993, p. 02, grifo do autor) sobre o mesmo tema do sonho, fazendo nossas as suas palavras:

Encontramos, assim, uma das prescrições freudianas mais fundamentais, que aparece na entrada do edifício analítico: ‘o sonho é a via real que leva ao inconsciente’. Mas est WIDLÖCHER, D. (1986) *Métapsychologie du sens*. Paris: PUF. A prescrição só tira sua eficácia na medida em que o sujeito é encaminhado a sustentar um ‘discurso’ com referência ao seu sonho. *É o discurso que é a via real*. Sem ele, não haveria decodificação possível para a passagem-ao-ato do inconsciente.

Se o discurso é a via real aberta por Freud, condição essencial para a descoberta do inconsciente e de seus processos, certamente não haveria de ser diferente quanto ao afeto.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V. M. *Um diálogo entre a psicanálise e a neurociência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- BARROS, C. P. Conceitos termodinâmicos e evolucionistas na estrutura formal da metapsicologia de Freud. *Cadernos do Tempo Psicanalítico*: revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio de Janeiro, n. 3, p. 13-51, 1998a.
- BARROS, C. P. Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico. *Cadernos do Tempo Psicanalítico*: revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio de Janeiro, n. 3, p. 53-89, 1998b.
- BEIVIDAS, W.; RAVANELLO, T. Linguagem como alternativa ao aspecto quantitativo em psicanálise. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 21, p. 82-88, 2009. Edição especial.
- BEIVIDAS, W.; RAVANELLO, T. Entre paixão, pulsão e corpo: reflexões epistemológicas para o diálogo sobre os fenômenos afetivos. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, Araraquara, v. 8, n. 2, p. 3375-3398, 2010.
- BIRMAN, J. *Ensaio de teoria psicanalítica: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 207-224, dec. 2006.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 31-51, jun. 2008.
- CHANGEUX, J. P. *L'homme neuronal*. Paris: Hachette Pluriel, 1998.
- CHURCHLAND, P. S. et al. *Philosophie de l'esprit et sciences du cerveau*. Paris: Vrin, 1991.
- DAMÁSIO, A. *L'erreur de Descartes*. Paris: Odile Jacob, 2000.

- DAVID-MÉNARD, M. *Tout le plaisir est pour moi*. Paris: Hachette Littératures, 2000.
- DENNETT, D. *Tipos de mentes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DÖR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1993.
- FREUD, S. *A interpretação das afásias*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1).
- FREUD, S. *Estudos sobre histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2).
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 4 e 5.).
- FREUD, S. *O inconsciente*. Rio de Janeiro: E.S.B.; Imago, 1996d. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14).
- FREUD, S. *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 20).
- GABBI JUNIOR, O. F. *Notas a projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. 1.
- GOMES, G. O problema mente-cérebro em Freud. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 21, n. 2, p. 149-155, maio/dez. 2005.
- GRIGNON, O. Avec le psychanalyste, l'homme se réveille. *Che vuoi*, Paris, v. 28, n. 2, p. 111-135, 2007.
- GRÜNBAUM, A. *La psychanalyse à l'épreuve*. Paris: Editions de L'Éclat, 1993.
- GRÜNBAUM, A. *Les fondements de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- HJELMSLEV, L. *Le langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1966.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HOFFMANN, C. *Des cerveaux et des hommes: nouvelles recherches psychanalytiques*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès, 2007.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, J. A ciência e a verdade. *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LACAN, J. *O seminário*, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LIONÇO, T. Corpo somático e psiquismo na psicanálise: uma relação de tensionalidade. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 117-136, 2008.

ROSSI, J. C. A representação, o afeto e a defesa no projeto de uma psicologia. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 93-97, 2005.

SCHNEIDER, M. *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta, 1993.

SULLOWAY, F. *Freud, biologiste de l'esprit*. Paris: PUF, 1998.

WIDLÖCHER, D. *Métapsychologie du sens*. Paris: PUF, 1986.